

VIRGÍLIO

# Geórgicas

MANUEL ODORICO MENDES

Tradução



PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

Organização

*Æ*

Ateliê Editorial

# SUMÁRIO

Apresentação – <i>Paulo Sérgio de Vasconcellos</i> . . . . .	9
Introdução às <i>Geórgicas</i> de Virgílio – <i>Matheus Trevizam</i> . . . . .	11

## ☞ GEORGICA / GEÓRGICAS ☞

<i>Liber Primus</i> / Livro I . . . . .	23
Notas de Odorico Mendes ao <i>Livro I</i> . . . . .	66
Notas e Comentários sobre a Tradução do <i>Livro I</i> . . . . .	69
<i>Liber Secundus</i> / Livro II . . . . .	93
Notas de Odorico Mendes ao <i>Livro II</i> . . . . .	138
Notas e Comentários sobre a Tradução do <i>Livro II</i> . . . . .	141
<i>Liber Tertius</i> / Livro III. . . . .	193
Notas de Odorico Mendes ao <i>Livro III</i> . . . . .	242
Notas e Comentários sobre a Tradução do <i>Livro III</i> . . . . .	245
<i>Liber Quartus</i> / Livro IV. . . . .	279
Notas de Odorico Mendes ao <i>Livro IV</i> . . . . .	330
Notas e Comentários sobre a Tradução do <i>Livro IV</i> . . . . .	333
Referências Bibliográficas . . . . .	359

# APRESENTAÇÃO

*Paulo Sérgio de Vasconcellos*

Unicamp – IEL

No âmbito do Projeto Odorico Mendes, sediado na Universidade Estadual de Campinas e constituído por professores e pós-graduandos de várias instituições universitárias brasileiras com o objetivo de divulgar a obra tradutória de Manuel Odorico Mendes (1799-1864), apresentamos a edição anotada e comentada de sua versão das *Geórgicas* de Virgílio.

No original e na tradução, temos um texto que apresenta dificuldades não apenas aos não iniciados, tanto mais se justificando uma edição como esta, que procura aplainar tudo o que pode tornar lenta e penosa a leitura de um poema difícil, que muitos consideram a obra-prima de Virgílio. No caso da versão odoricana, por vezes, é preciso recorrer a dicionários mais antigos, como os de Bluteau ou, sobretudo, Moraes, ambos do século XVIII, para entender o significado de certo termo inusual empregado pelo tradutor. A precisão técnica torna a leitura da tradução mais dificultosa, mas o leitor poderá encontrar prazer no conhecimento de tantos vocábulos e expressões da língua portuguesa que verá aqui pela primeira vez. Como disse em carta o próprio tradutor (devo ao professor Brunno Vieira essa indicação): “[...] sendo as *Geórgicas* a obra mais acabada do autor, nelas pus grande cuidado, e fiz um estudo especial dos termos agrários, consultando para isso antigos e modernos; e se meu amor-próprio não me engana, creio que será uma composição digna de nossa literatura”<sup>1</sup>. Esse vocabulário técnico da tradução, cuidadosamente pesquisado pelo tradutor, oferece ao leitor uma dificuldade que nossas notas procuraram eliminar ou, pelo menos, aplainar. Vale o mesmo para os meandros da sintaxe, variada e surpreendente, muitas vezes imitando a do texto latino, sobretudo quando ela parece carregar-se de intenção expressiva, de conotação poética.

O texto da tradução é apresentado aqui com ortografia modernizada, a partir do *Virgílio Brasileiro* de 1858, que contém a tradução integral das obras de Virgílio. Manteve-se o hábito odoricano de grafar adjetivos que se referem a nome de povo com inicial maiúscula; além disso, a pontuação dos versos e da prosa de suas notas foi rigorosamente

1. Américo Jacobina Lacombe, *Cartas de Manuel Odorico Mendes*, p. 41.

mantida, mesmo quando divergia das convenções atuais. Quando se corrigem evidentes erros tipográficos, uma nota de rodapé informa o leitor a respeito de nossa intervenção.

As referências bibliográficas vêm ao final deste livro. Observemos que, na citação do comentário, em dois volumes, de Richard F. Thomas às *Geórgicas*, o número de páginas se refere ao primeiro volume quando a referência comparece em notas e comentários aos livros I e II, e ao segundo volume quando em notas e comentários aos livros III e IV.

Como em nossas edições das *Bucólicas* e da *Eneida*, em notas de rodapé procuramos esclarecer tudo o que possa oferecer dificuldade ao leitor moderno: das referências mitológicas e alusões à história romana ao emprego de termos técnicos; do sentido de palavras pouco usuais (por vezes neologismos e arcaísmos) à sintaxe não raro tortuosa. Ao final de cada um dos quatro livros, temos as notas do próprio Odorico Mendes e, na sequência, as notas e comentários sobre a tradução elaboradas pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes e que visam ilustrar como o maranhense traduz o original latino, sobretudo chamando a atenção para aspectos criativos de uma tradução assumidamente poética, criativa. Efeitos de som, ritmo e ordem das palavras no original e na tradução são apontados e comentados. Não nos furtamos, por vezes, a juízos de valor, expressando nossa admiração pela excelência técnica de um verso ou apontando o que nos pareceu, a partir do confronto com o original latino, menos feliz na tradução; juízos subjetivos, enfim, mas fundados em elementos textuais que concretamente procuramos evidenciar.

A equipe assim distribuiu o trabalho de anotação e comentário (mas todo o grupo pôde colaborar no conjunto da obra):

- Livro I: Matheus Trevizam (UFMG) e Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp);
- Livro II: Bianca Fanelli Morganti (Unifesp), Isabella Tardin Cardoso (Unicamp) e Patrícia Prata (Unicamp);
- Livro III: Bruno V. G. Vieira (Unesp) e Robson Tadeu Cesila (USP);
- Livro IV: Alexandre Hasegawa (USP) e Sidney Calheiros de Lima (USP).

Com este trabalho, todo o *Virgílio Brasileiro* encontra-se, agora, disponível em edições amplamente anotadas e comentadas, um labor de vários anos consagrados a um dos mais instigantes projetos tradutórios que o Brasil já conheceu. Que o leitor veja os frutos dessa empreitada como nossa homenagem a Manuel Odorico Mendes, patriarca da tradução criativa no Brasil, nas palavras do sábio Haroldo de Campos.

Por fim, em nome da equipe, agradecemos à Fapesp pelo apoio concedido à publicação destas *Geórgicas*.

*LIBER PRIMUS*

---

LIVRO I

- Quid faciat laetas segetes; quo sidere terram  
 Vertere, Maecenas, ulmisque adjungere vites  
 Conveniat; quae cura boum, qui cultus habendo  
 Sit pecori, atque apibus quanta experientia parcis;*  
 5 *Hinc canere incipiam. Vos, o clarissima mundi  
 Lumina, labentem coelo quae ducitis annum,  
 Liber et alma Ceres, vestro si munere tellus  
 Chaoniam pingui glandem mutavit arista,  
 Poculaque inventis Acheloia miscuit uvis;*  
 10 *Et vos, agrestum praesentia numina, Fauni,  
 Ferte simul Faunisque pedem Dryadesque puellae:  
 Munera vestra cano. Tuque o, cui prima frementem  
 Fudit equum magno tellus percussa tridenti,  
 Neptune, et cultor nemorum, cui pinguis Ceae*

1. vv. 1-4 O poema principia por uma síntese de seu conteúdo (como nos poemas épicos): o cultivo da terra; das videiras e das árvores; o trato do gado; e o das abelhas – objeto respectivo de cada um dos quatro livros do poema. Note-se como se salienta, já na proposição, um dos temas recorrentes do poema, a necessidade do esforço e do conhecimento humano para produzir os resultados esperados da lida com a natureza (ver Putnam, 1979, p. 17). v. 1 *Searas*: terras cultivadas com trigo ou outros cereais, o produto desse cultivo; *alegre*: dê viço (veja nota de Odorico); *em que signo*: sob que signo do zodiaco, em que época, em que estação do ano. 2. v. 2 *Unir com o olmo a vide*: na agricultura itálica, um dos métodos de cultivo das videiras consistia em enlaçá-las a certas árvores, sobretudo ao olmo, árvore comum em toda a Itália (Maggiulli, 1995, p. 466). 3. v. 3 *Culto*: cuidado; *armento*: rebanho, sobretudo de gado vacum (no original, há referência explícita a bois). 4. v. 4 *Quanta experiência, a parca indústre abelha*: subentende-se “peça”; *indústre*: trabalhadora, que tem experiência. 5. v. 5 *Mecenas*: trata-se do cavaleiro romano Gaius Maecenas, patrono de Virgílio e de outros poetas da época de Augusto; *luzeiros do orbe*: lumes, astros do mundo. Começa aqui uma longa e erudita invocação de divindades. 6. v. 6 *Líbero*: divindade romana associada a Baco/Dioniso, deus do vinho (cf. latim *liber*, “livre”, que se associava a um dos epítetos de Dioniso, o “que liberta”); *alma*: nutridora, benéfica; *Ceres*: deusa da agricultura; *guias do ano*: Odorico interpreta a passagem como a esclarece Sêrvio em seu comentário (Thilo e Hagen, 1986, p. 130): Líbero e Ceres seriam identificados, à maneira dos estoicos, com o Sol e a Lua, que assinalam a passagem das estações (daí, “ano”) no céu. Outros estudiosos entendem que há uma invocação a Líbero e Ceres e outra aos astros do céu. Seja como for, nos versos seguintes, se fará referência aos dons de Ceres (o trigo) e Líbero (o vinho), em ordem invertida, pois. 7. v. 7 *Caônia*: da Caônia, região do Epiro (então parte da Grécia, hoje pertencente à Albânia); *glande*: bolota de carvalho, seu fruto. 8. v. 8 *Grada*: desenvolvida. Entenda-se

O que alegre as searas; em que signo<sup>1</sup>  
 Lavrar se deva e unir com o olmo a vide<sup>2</sup>;  
 Que trato e culto o armento e gados peçam<sup>3</sup>;  
 Quanta experiência, a parca indústre abelha<sup>4</sup>:  
 5 Cantar, Mecenas, vou. Luzeiros do orbe<sup>5</sup>,  
 Líbero e alma Ceres, guias do ano<sup>6</sup>  
 Que os céus percorre, por Caônia glande<sup>7</sup>  
 Se a grada espiga e misturar nos destes<sup>8</sup>  
 Ao mosto achado os copos do Aqueloo<sup>9</sup>;  
 10 Propícios Faunos, vinde, agrestes numes<sup>10</sup>,  
 Vinde com as Drias: vossos dons celebro<sup>11</sup>.  
 Tu, que a tridente o chão ferindo virgem,  
 Produziste, Netuno, o hinitor bruto<sup>12</sup>;  
 Boscarejo, a quem níveos bois trezentos<sup>13</sup>

que Ceres deu aos homens o cultivo do trigo (*grada espiga*) em substituição ao tosco alimento que antes constituía sua dieta, as bolotas caídas dos carvalhos (como diz Sérvio, abundavam glandes no Epiro e delas se alimentavam os homens – Thilo e Hagen, 1986, p. 131). A ideia de que esse era o alimento primitivo da humanidade é um lugar-comum da poesia antiga. 9. v. 9 *Mosto*: vinho novo; *Aqueloo*: a água do rio Aqueloo, na Grécia, considerado o mais antigo dos deuses-rios; por extensão de sentido, água em geral, como em vários autores. Líbero deu aos homens o vinho, que na Antiguidade se bebia misturado com água; daí, dizer-se “destes-nos misturar o mosto achado (descoberto) aos copos de Aqueloo (taças de água)”; um modo poético e erudito de se referir ao vinho temperado com água, dom de Líbero. Como se sabe, os romanos não tinham o hábito de beber vinho puro, mas, sim, misturado com água. 10. v. 10 *Faunos*: divindades agrestes protetoras dos pastores e dos rebanhos; *numes*: divindades. 11. v. 11 *Drias*: ninfas dos bosques. 12. v. 13 *Hinitor*: rinchador, como diz Odorico nas notas, ou relinchador; o *hinitor bruto* é o cavalo; segundo um mito reportado por Sérvio (Thilo e Hagen, 1986, p. 133), Netuno e Minerva (ou Possêidon e Palas Atena), disputando para ver quem daria seu nome à cidade, decidiram que seria aquele que desse a seus habitantes o melhor presente; Netuno fez surgir da terra o cavalo, mas Minerva ofertou a oliveira, que foi mais apreciada. 13. v. 14 *Boscarejo*: cultivador dos bosques (veja a nota de Odorico), traduzindo, então, a expressão latina *cultor nemorum*, que significa exatamente isso. Trata-se de referência a Aristeu, filho de Apolo e da ninfa Cirene, que reaparecerá no livro IV (v. 315 e ss.), num episódio célebre relacionado à apicultura. Como no original, Odorico não expressa o nome do personagem que o leitor erudito deduziria do contexto: Aristeu foi pastor na ilha de Ceos. *Trezentos*: em latim, um número para referir imprecisamente uma grande quantidade (cf. português: “eu já lhe disse trezentas vezes...”).